

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA TEIXEIRA NECKER

**A PRESENÇA DOS CONTOS DE FADAS NA OBRA *REINAÇÕES DE NARIZINHO*,
DE MONTEIRO LOBATO**

PALMAS

2023

CAMILA TEIXEIRA NECKER

**A PRESENÇA DOS CONTOS DE FADAS NA OBRA *REINAÇÕES DE NARIZINHO*,
DE MONTEIRO LOBATO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura Letras – Português/Inglês do Instituto Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jaison Luís Crestani

PALMAS

2023

Dedico este trabalho aos meus pais, Adilson Miguel Teixeira Necker e Ivone Fortunatti, e ao meu companheiro Lucas Gabriel Cassaniga, que acreditaram em mim e me apoiaram durante todos estes anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que desde muito nova me incentivaram a estudar, seja através de livros, ou com o quadro branco, que meu pai utilizava para me ajudar com as tarefas de casa, quando pequena.

Agradeço ao meu companheiro, que me apoiou nesta caminhada desde o primeiro dia, ficando incontáveis horas dentro do carro no patio do IFPR, me esperando, enquanto eu estudava.

Tenho em meu coração muita gratidão por essas três pessoas, que sempre estiveram ao meu lado, não me deixando desassistir. Há quatro anos atrás, quando tomei a decisão de iniciar o curso, lembro que meu pai e meu companheiro me disseram que iriam todas as noites me levar, e que quatro anos passariam rápidos, já que eram 40 km de estrada de chão, com chuva, sol, inverno, verão, estrada boa ou ruim, em nenhum momento descumpriram sua palavra.

Agradeço a minha família como um todo que me ajudaram de diversas maneiras, seja emocionalmente. Agradeço ao meu tio Silvano por estar me levando em diversas noites, ou emprestando o carro, quando meu pai ou o meu marido não podiam me levar; a minha Tia Enivete que me acompanhou em algumas noites, fazendo que 40 km de estrada de chão passassem muito rápido, devido nossas horas de conversas, e ao meu Tio Claudir que emprestou seu carro nas noites que precisei, por estar “a pé” por motivos muito importantes.

Sempre fui grata pela família que Deus escolheu para que fosse minha, mas durante esses anos, percebi o quanto ela é especial para mim, sei que posso contar com eles para tudo que precisar.

Agradeço aos docentes que passaram pela minha vida, e aos meus docentes do IFPR, responsáveis pelo o conhecimento que adquiri durante todos estes anos, foram anos muito enriquecedores, que guardarei para sempre em minha memória.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma, passaram por mim nesses anos, e me ajudaram nesta caminhada, sei que cada um tem uma participação muito especial nesta trajetória.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a presença dos contos de fadas na produção literária infantil de Monteiro Lobato. Para tanto, selecionou-se a obra *Reinações de Narizinho*, publicada em 1931. O livro reúne um conjunto de narrativas breves, publicadas individualmente pelo escritor no decorrer da década de 1920. No entanto, a despeito dessa individualidade das histórias, há uma linha de continuidade entre as ações narradas em cada capítulo. Considerado como propulsora da série do *Sítio do Picapau Amarelo*, a obra *Reinações de Narizinho* não só apresenta as personagens mais emblemáticas da literatura infantil, como também as coloca em interação com diversas personagens clássicas dos contos de fadas e das fábulas de Esopo e La Fontaine. Por meio do efeito mágico do pó de pirlimpimpim, as personagens de Lobato viajam ao Mundo das Maravilhas e dão início a uma série de aventuras que unem o Sítio do Picapau Amarelo ao universo mágico da tradição clássica dos contos de fadas. Assim, este trabalho propõe analisar, inicialmente, o contexto de surgimento dos contos de fadas europeus, bem como a transformação do conceito de infância ao longo do tempo e sua relação com essas histórias clássicas. Na sequência, com base em pressupostos teóricos da literatura comparada, propõe um estudo das confluências literárias que a obra lobatiana estabelece com a tradição dos contos de fadas.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; *Reinações de Narizinho*; Infância; Conto de fadas.

ABSTRACT

This monography intends to analyze the presence of fairy tales in Monteiro Lobato's children's literary production. For this purpose, the book *Reinações de Narizinho*, published in 1931, was selected. The book brings together a set of brief narratives, published individually by the writer during the 1920s. Continuity between the actions narrated in each chapter. Regarded as the driving force of the *Sítio do Picapau Amarelo* series, *Reinações de Narizinho* not only presents the most emblematic characters of children's literature, but also puts them in interaction with several classic characters from fairy tales and fables by Aesop and La Fontaine. Through the magical effect of the pirlimpimpim powder, Lobato's characters travel to the World of Wonders and begin a series of adventures that unite *Sítio do Picapau Amarelo* to the magical universe of the classic tradition of fairy tales. Thus, this work proposes to analyze, initially, the context in which European fairy tales emerged, as well as the transformation of the concept of childhood over time and its relationship with these classic stories. Then, based on theoretical assumptions of comparative literature, it proposes a study of the literary confluence that Lobato's work establishes with the tradition of fairy tales.

Keywords: Monteiro Lobato; *Reinações de Narizinho*; Infancy; Fairy tale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I: LITERATURA INFANTIL NO	11
1.1 O surgimento da literatura voltada aos pequenos	11
1.2 O que é a	15
1.3 O pai da literatura infantil Brasileira: Monteiro	17
CAPÍTULO II: A TRADIÇÃO DOS CONTOS DE	21
2.1- O que é um conto de fadas? Como	21
2.2. Os contos de fadas nunca	24
CAPÍTULO III: REINAÇÕES DE NARIZINHO E A TRADIÇÃO DOS CONTOS	
D	E 27
3.1 Uma incrível viagem ao mundo	27
3.2	Literatura 29
3.3 O conto de fadas no sítio de Dona	32
C O N S I D E R A Ç Õ E S	40
R E F E R Ê N C I A S	42

INTRODUÇÃO

A leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato permite conhecer os personagens mais representativos da literatura infantil brasileira, como Emília, a famosa boneca de pano; Visconde de Sabugosa, o sabugo de milho; o porquinho Rabicó; as crianças Narizinho e Pedrinho; bem como as senhoras Dona Benta e Tia Nastácia. Entretanto, embora o escritor ambicionasse construir uma tradição literária infantil autenticamente brasileira, não limita suas histórias ao repertório de circunstâncias locais, abrindo o universo ficcional do Sítio do Picapau Amarelo para acolher, na condição de visitantes, uma série de personagens das fábulas e contos de fadas clássicos.

A observação da riqueza literária que resulta dessa união entre esses dois universos ficcionais, o brasileiro, com seu vasto folclore, e os clássicos europeus, justificou a escolha do objeto de pesquisa deste trabalho. Ainda que haja certa resistência acadêmica em relação ao reconhecimento da literariedade dessas histórias infantis, é possível identificar um hábil trabalho com a linguagem e com a construção das personagens, que assegura a qualidade do trabalho estético-literário desenvolvido por Monteiro Lobato.

Assim, este trabalho propõe analisar o encontro desses dois universos mágicos que o escritor coloca em interação. Nesse intercâmbio entre cenas, aventuras e personagens, proposto por Lobato em sua literatura infantil, histórias clássicas e antigas são renovadas e ressignificadas por meio da convivência com elementos novos introduzidos pelo escritor brasileiro. De modo semelhante, as novas histórias criadas por Lobato estão recheadas de elementos simbólicos provenientes do imaginário universal das fábulas e contos de fadas. Dessa forma, percorrer as páginas dessas obras é desvendar uma série de episódios novos, mas construídos a partir do diálogo intertextual com histórias muito antigas que são prontamente reconhecidas por qualquer leitor, pois foram contadas e recontadas, de diversas formas, de geração em geração.

Com base nesse contexto, o objetivo principal deste trabalho é analisar as narrativas lobatianas reunidas na obra *Reinações de Narizinho*, e averiguar como se constroi a interação entre os protagonistas desta obra e as personagens da tradição clássica dos contos de fadas apropriadas pelo autor para a criação desse universo maravilhoso que se abre no cenário brasileiro com o Sítio do Picapau Amarelo.

Desse modo, as personagens criadas por Monteiro Lobato apresentam atitudes e comportamentos muito parecidos com os pequenos que leem seus livros. Dessa forma, as viagens, a figura da boneca falante, e tudo o que acontece de extraordinário nas linhas do texto, não causam estranhamento aos leitores, afinal, estão presentes em suas imaginações. Além disso, as personagens das narrativas lobatianas convivem, no interior das histórias, com uma série de figuras emblemáticas dos contos de fadas, que também estão presentes nos desenhos animados e objetos de consumo que fazem parte da rotina diária desses pequenos leitores.

Estudar esse tema é importante para se compreender o projeto construído por Lobato para a literatura infantil brasileira. Em um período em que nossa produção local restringia-se à reprodução de lendas folclóricas ou histórias moralizantes que repetiam temáticas da tradição europeia, sem qualquer adaptação ao contexto local, Monteiro Lobato consegue expandir expressivamente os horizontes da literatura infantil nacional, encantando gerações e gerações ao longo do tempo. Conforme a expressão de Marisa Lajolo (2000, p. 62),

Monteiro Lobato consegue extraordinários efeitos de sentido ao fazer contracenar num cenário de jabuticabeiras, pintos-suras e ex-escravos pitando cachimbo tanto personagens fundadores da literatura infantil ocidental, como Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, como personagens da literatura infantil estrangeira contemporânea a sua como Alice e Peter Pan

Dessa forma, é interessante observar também a concepção de intertextualidade que Lobato coloca em prática na criação da sua obra. Não se trata de uma relação de mera influência, e sim de uma apropriação recriadora que amplia o universo de sentido dessas obras clássicas, conferindo-lhes aspectos inovadores capazes de interagir com os pequenos leitores do mundo moderno.

Portanto, para melhor compreender os procedimentos criativos levados a efeito por Monteiro Lobato em suas obras, este trabalho desenvolverá, inicialmente, um estudo do contexto de surgimento da literatura infantil no Brasil, bem como do processo de recolha e registro de narrativas do imaginário popular europeus, por escritores que foram consagrados como inauguradores da literatura infantil no Ocidente, como é o caso de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm.

Além dessa contextualização histórica, o presente trabalho realizará um levantamento dos diferentes conceitos de infância que marcaram a história da

humanidade, tomando por base os estudos de Philippe Ariès, em sua obra *História social da infância e da família*. Por meio dessa pesquisa, será possível compreender também as transformações pelas quais essas histórias clássicas passaram ao longo do tempo em função daquilo que se considerava próprio e adequado transmitir às crianças em cada período histórico.

Em outro momento, o trabalho se voltará mais especificamente para a figura e a obra daquele que ainda hoje é considerado como o pai e o maior escritor da literatura infantil brasileira: José Bento Renato Monteiro Lobato. Dentre o acervo lobatiano, o trabalho se dedicará, mais propriamente, ao estudo da obra *Reinações de Narizinho*, que ocupa uma posição especial no âmbito da produção literária do autor, uma vez que é o ponto de partida para a construção do projeto literário do Sítio do Picapau Amarelo e das interações entre os protagonistas dessas histórias com as personagens clássicas dos contos de fadas.

Uma pesquisa é uma teia de informações, uma entrelaçada a outra, para que se possa analisar o tema proposto, de maneira adequada, e se compreender o todo. Desse modo, no segundo capítulo, o trabalho será direcionado para a compreensão do gênero contos de fadas, seu surgimento, mudanças e recriações ao longo do tempo.

Por fim, o último capítulo adentra o universo da obra *Reinações de Narizinho* para averiguar como é construída a interação entre os elementos novos – aventuras, personagens, cenários etc. –, criados por Monteiro Lobato, com as personagens e suas vivências ficcionais, apropriadas pelo autor e transportadas para dentro do universo mágico de sua obra.

CAPÍTULO I

LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

1.1 O surgimento da literatura voltada aos pequenos leitores

Sabemos que a literatura é muito importante na nossa história, seja fazendo parte das nossas experiências como pessoas, seja como seres que habitam um determinado lugar, com culturas e características dessa região.

Durante nossa trajetória acadêmica, estudamos sobre a literatura, seus principais autores, obras que tiveram maior importância, suas tendências e o porquê de cada uma.

Nesse capítulo, nosso maior foco será sobre o surgimento da literatura infantil no Brasil. Estudar seu histórico, suas origens e seus procedimentos criativos é fundamental para a maior compreensão desse movimento literário, pois, a partir desse estudo, poderemos compreender com mais facilidade a obra que será estudada neste trabalho.

No decorrer de nossa formação docente, percebemos que nós escolhemos a melhor maneira de nos comunicarmos com determinado ouvinte. Por exemplo, uma conversa com seus alunos do 6º ano do ensino fundamental não será a mesma que com alunos do pré-escolar, ou seja, você vai precisar adaptar a sua fala. De igual modo, uma conversa com a sua mãe não se dá no mesmo tom e com as mesmas expressões que com seus amigos.

Dessa forma, a literatura infantil não cria somente assuntos novos, ela também usa assuntos do nosso dia a dia da vida adulta, e os transforma para crianças. Assim, na maior parte das vezes, essa escrita pode trabalhar com valores humanos, como respeito, coragem, honestidade, esperança, entre outros valores que são importantes ensinar para os pequenos, para que no futuro se tornem adultos responsáveis.

Desse modo, na literatura infantil, abordam-se valores e aprendizados que já foram discutidos há muito tempo na história da sociedade. Não são criações somente para o mundo ficcional da literatura infantil, são elementos importantes para o desenvolvimento ético do ser humano.

Afinal, as histórias de literatura infantil, fábulas, contos clássicos, entre outras composições voltadas a esse público, sempre repassam valores éticos importantes

aos seus pequenos leitores. É importante salientar, nesse sentido, que muitas histórias do universo infanto-juvenil, em sua origem, eram direcionadas ao público adulto.

Essa ideia pode ser observada no seguinte livro intitulado como: *“Literatura Infantil, múltiplas linguagens na formação de leitores”*, de José Nicolau Gregorin Filho. Durante a leitura do primeiro capítulo, denominado de: “A roupa Infantil da literatura”, identifica-se essa questão que comentamos anteriormente, podendo ser observado no trecho a seguir:

O que se percebe é a existência de uma literatura infantil que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas. (GREGORIN FILHO, 2012, n.p)

Para que uma obra seja considerada infantil, necessita de alguns elementos da escrita, voltados para o entendimento dos pequenos leitores. É necessário haver subsídios que capture a atenção dos pequenos. Como: representações imagéticas dos fatos narrados, estimulando a imaginação dos pequenos a partir de sua leitura, consolidando o que está presente nas linhas e entrelinhas do texto.

Outros elementos importantíssimos na construção da literatura infantil é o espaço onde ocorre a história. Sempre é um lugar “habitável” por crianças, como por exemplo: escolas, campos, parques, jardins, quartos, casas, casas de parentes, como avós ou tios, entre outros lugares em que as crianças possam vislumbrar um lugar próximo àqueles do seu dia a dia ou que visitam com frequência.

Esses lugares são importantes na hora da criança imaginar a história, afinal ela vai criar imaginações a partir de espaços que ela frequenta, ou conhece um lugar similar, aumentando ainda mais o seu gosto pelo determinado livro.

Os personagens principais de livros infantis são sempre crianças, criando uma identificação entre o leitor e o universo fictício. Em alguns momentos, pode-se criar aquele sentimento de querer ser tal personagem, viver a vida dele, se vestir e comportar-se como ele, por isso, muitas vezes observamos crianças vestidas semelhantemente a seus personagens favoritos, ou se comportando como tal.

Por esse motivo, os pais devem estar sempre atentos sobre o tipo de conteúdo que os filhos “consomem” nas telas, ou até mesmo em relação às leituras de livros, uma vez que esses “heróis” fictícios podem tanto fazer bem aos pequenos como também podem ensinar atitudes erradas, e muitas vezes os pequenos não irão saber diferenciar isso.

Em confirmação ao que foi explicado acima, podemos realizar a leitura de um pequeno trecho do livro do autor Gregorin Filho, que aborda essa perspectiva.

Esse fato deve ser percebido não somente na construção do texto verbal, mas também, e de maneira mais marcante, na manifestação visual, muito utilizada nos livros voltados para a criança.

O texto não verbal (visual) se desenvolve com cenografias e figuras de modo a um compor o outro, e os dois (visual e verbal) constroem um único texto, apropriado ao fazer interpretativo do enunciatário.

O estudo desses procedimentos de discursivização, isto é, da organização dos elementos que são utilizados para que a história se conte (como as personagens, o espaço, o tempo, entre outros), é de fundamental importância quando se propõe a estudar literatura “infantil”, pois esses elementos são responsáveis pela criação de um tipo de texto, conforme já se foi mencionado, apropriado ao enunciatário para quem o texto é produzido. (GREGORIN FILHO, 2012, n.p).

Por se tratar de literatura infantil, os autores, necessitam escolher elementos que prendam a atenção dos pequenos leitores, porém esses discursos não podem ser muito longos.

Para que um livro seja considerado bom pela criança, precisa que ele não seja um livro longo, afinal isso irá se tornar algo maçante para o leitor, entediante, podendo muitas vezes nem se quer chegar até o final.

Então, desse modo, o escritor necessita cativar seu leitor mirim, envolvendo-o logo nas primeiras páginas da história, além de despertar a imaginação do pequeno, de forma que ele deseje sempre saber o que virá na página seguinte.

Pode-se pensar que escrever literatura infantil é mais simples do que escrever livros para adultos, porém, é nesse pensamento que mora o engano. Escrever para as crianças carece de muito mais atenção, pois os livros não irão da prateleira direta para as mãos dos pequeninos, eles passam pelas mãos de pais, professores, familiares, pessoas próximas à criança que buscam primeiramente saber do que se trata o livro, e até mesmo conhecer um pouco do autor, antes de entregar o livro à criança, ou aluno.

Dessa maneira existe sim um cuidado maior para se escrever um livro de literatura infantil, afinal as crianças não têm a mesma autonomia que nós adultos na escolha de suas leituras.

Literatura infantil não é fácil de ser escrita, e talvez siga a mesma linha da arte literária adulta quando se trata de reconhecimento. É por se tratar de livros para um público muito jovem que existe uma preocupação maior.

Durante a leitura do livro *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*, organizado por João Luís C. T. Ceccantini deparamo-nos já em seu primeiro capítulo, com um apontamento da professora doutora Maria Zaira Turchi sobre a questão de reconhecer a literatura infantil, como objeto estético.

Ao teorizar sobre o gênero, tenho insistido na ligação do estético e do ético como categorias fundamentais da literatura infantil e juvenil). Considerar o livro para crianças um objeto estético é reconhecer-lhe o estatuto de arte, não de obra paradidática, e perceber sua capacidade de construir um espaço textual plurissignificativo do ser humano diante do mundo. A questão é complexa porque não envolve, apenas, o questionamento do fenômeno artístico literário, mas confronta as categorias estéticas com o delineamento do infantil. Dessa forma, a discussão do estético está ligada a uma ética do imaginário: há um leitor/ criança com o qual escritor/ adulto deseja construir uma ponte em que as setas do significado apontem nos dois sentidos e reciprocamente. Assim, na literatura infantil as categorias do estético devem estar integradas a uma ética que inclui a alteridade e o diálogo cultural. (TURCHI, 2002, p. 38)

Dessa forma, ressaltamos mais uma vez que escrever literatura infantil não é uma tarefa a ser considerada fácil, diante disso, vamos aprofundar nossos conhecimentos na história do surgimento da literatura infantil no Brasil, com o intuito de compreender suas origens e a transformação das suas tendências e procedimentos criativos ao longo do tempo.

Ao falar de literatura seja ela infantil ou não, o pesquisador necessita realizar muita leitura, afinal ele está falando sobre uma arte importantíssima na nossa vida acadêmica e pessoal.

Por falar em vida pessoal e acadêmica, pode-se notar que a literatura infantil tem atribuições de prestígios diferentes nesses dois ambientes.

Na trajetória acadêmica, ela é vista com mais prestígio, como uma ferramenta de estudos e auxílio na preparação das aulas pelos docentes. Nesse meio da educação, ela recebe uma atenção maior, boa parte por se tratar do incentivo da leitura encontrado no ambiente escolar, lugar onde os docentes, sempre insistem que seus alunos, conheçam o mundo “mágico” dos livros, e o quanto isso poderá ajudar ele durante sua vida.

Ao pesquisar sobre a origem da literatura brasileira infantil, deparamo-nos com autores de grande nome, que dedicaram um tempo significativo de sua rica vida profissional para estudar a literatura infantil. Dentre esses autores, podemos citar,

por exemplo: Cecília Meireles, com o livro *Problemas de literatura infantil*, Leonardo Arroyo, com o livro *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*, e a autora Nelly Novaes Coelho, que publica *A literatura infantil: história, teoria e análise*, além de também publicar *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*.

Esses nomes são citados em diversos artigos e indicados para leitura sobre o assunto de literatura infantil brasileira. Um ponto negativo é que por serem obras antigas, de 1950 a 1980, muitas não é possível encontrar a versão digitalizada, o que é um empecilho para quem deseja estudar sobre esse assunto, mas ainda é possível encontrar livros físicos para adquirir. A partir de 1980, percebe-se um aumento da escrita sobre o estudo da literatura infantil brasileira.

Já a produção da literatura Infantil Brasileira inicia-se em 1920, com o autor Monteiro Lobato. Anteriormente as produções de Lobato, a literatura infantil era baseada em traduções de histórias infantis que existiam. Mas antes de adentrarmos o universo da ficção infantil, é importante conhecer o repertório literário de que o autor se valeu para criar seu mundo mágico. E, para a compreensão dessa tradição, apropriada pelo escritor brasileiro, é salutar refletir também sobre as transformações por que passou o conceito de infância ao longo do tempo.

1.2 O que é a infância?

Tratamos de literatura infantil, mas precisamos elencar um aspecto muito importante e que de certa maneira é ele que “organiza” como serão a produção dos livros, os temas escolhidos, para qual público aquele livro será destinado, com maior número de páginas ou não.

Tudo isso está ligado à infância da criança, uma mesma obra não pode ser lida para todas as faixas etárias, uns iriam entender, outros não, uns sentiriam graça das cenas, outros nem expressariam alguma reação, entre muitos outros elementos.

É nessa linha de raciocínio eu lhe pergunto: o que é infância? Ela é importante para a construção da nossa vida adulta?

Partindo da primeira questão, vamos analisar o que o dicionário nos apresenta quando procuramos por infância. No dicionário do *Michaelis*, encontramos a seguinte definição para infância:

¹ Período da vida do ser humano, que vai desde o nascimento até a adolescência; meninice. ² As crianças em geral. ³ Primeiro período da existência de uma sociedade ou de uma instituição. ⁴ O começo da existência de alguma coisa. (GREGORIM, 2009, p. 474)

Como observamos, a infância marca o início de algo, um momento de aprendizado, com novas descobertas e experiências, medos e desafios, afinal, tudo que é novo causa dúvida, medo, estranhamento, mas também gera boas experiências e aprendizados que são carregados para a vida toda.

De modo a continuar a questão sobre infância, podemos recorrer às pesquisas de Philippe Ariès, sobre a infância, tendo suas pesquisas conhecidas e valorizadas nessa área da vida, que todos nós passamos quando mais jovens.

Ele estuda a infância desde a antiguidade, até a sociedade moderna. Sem dúvida esse pesquisador irá nos ajudar a compreender melhor o que é a infância e, compreendendo essa fase da nossa vida, podemos entender porque a literatura infantil é pensada em faixas etárias diferentes, e porque existe uma preocupação “maior” com o que será ou não abordado nas histórias.

Segundo Ariès, em sua obra *História social da infância e da família*, a infância não está ligada à idade, condicionamento físico ou sentimentos. Em vez disso, a infância, por incrível que pareça e faz total sentido, está ligada à sociedade.

Mas de que modo à criança, tão pequena e com pouco entendimento da vida, tem sua infância relacionada à sociedade? Nos estudos de Ariès (1981), são referidos os diferentes tipos de infância e como cada qual muda de acordo com o pensamento da sociedade. Por exemplo, Philippe diz que até o século XII, não existia traços de infância, como se não existisse espaço para tal momento da vida. Mais à frente, podemos observar que em determinados tempos a infância acabava a partir do momento que a pequena, frágil e doce criança poderia realizar algumas tarefas sozinhas, deixando a dependência de lado, isso podendo ser com cinco anos de idade.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (ARIÈS, 1981, p. 50).

Assim, como mencionado anteriormente, não existia espaço para tal momento da vida, reforçando a ideia de que a infância está ligada com a sociedade e o tempo que esta designa a essa criança.

Podemos observar outro trecho em que ele comenta sobre a infância em outros tempos.

Durante o século XVII, houve uma evolução: o antigo costume se conservou nas classes sociais mais dependentes, enquanto um novo hábito surgiu entre a burguesia, onde a palavra infância se restringiu a seu sentido moderno. A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a idéia de limitar a infância pela puberdade. A idéia de infância estava ligada à idéia de dependência: as palavras *filis*, *valets* e *garçons* eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência. Só se saía da infância ao se sair da dependência. (ARIES, 1981, p. 42).

No seguinte pensamento, quando a criança passava a ser independente, isso podendo ser com 5 a 7 anos. Assim que a sua família percebia que ela já poderia se “virar sozinha”, ela era encaminhada a outras famílias, para que aprendesse novos costumes, e a ter responsabilidades.

Nessa época, as crianças participavam das conversas juntamente com os adultos, não existia uma separação como nos dias de hoje, de assuntos de adultos e assuntos de crianças. Era considerado um adulto em miniatura, os pequenos não tinham sua inocência preservada, presenciando algumas vezes, situações de violência, depravações, sexo, entre outras situações.

No século XVII, o homem entende que precisa preservar a pureza deste pequeno humano. Isso tudo porque nos séculos XVI e XVII, a criança começa a aparecer nos retratos de família, iniciando uma preocupação e “valor” ao pequeno ser.

Inicia-se uma preocupação com essa criança, passando a criança a ser considerada como algo divertido, mas logo nos seus primeiros anos de vida, essa diversão pode passar a requerer cuidados maiores, iniciando assim uma maior atenção, preocupação, cuidado com o que era dito ou feito em sua frente. Nesse momento a criança passava a sua “liberdade” na guarda de um adulto, que julgaria o que seria certo ou errado para ela.

Com toda essa preocupação, as pessoas entendem que precisam preservá-la, não expor a certos assuntos ou situações, iniciando assim a sua educação, seus estudos, para que se torne um bom adulto, um bom jovem ou moça, conhecedor dos bons costumes, educado, podendo assim viver a sua infância.

Por fim, compreendemos que a infância é um momento importante na nossa vida, ela nos proporciona experiências e emoções que carregamos durante toda a

vida. No contexto brasileiro, o escritor Monteiro Lobato presta uma contribuição incomparável nesse sentido, encantando gerações e gerações com suas histórias infantis.

1.3 O pai da literatura infantil Brasileira: Monteiro Lobato

Antes de finalizarmos esse primeiro capítulo, precisamos falar de um autor que é considerado o pai da literatura infantil, autor que iremos estudar mais a fundo nos próximos capítulos.

José Renato Monteiro Lobato é nosso autor de destaque do trabalho, especialmente sua obra *Reinações de Narizinho*, mas antes disso precisamos compreender a importância desse autor no mundo da literatura infantil.

No dia 18 de abril é comemorado o dia nacional do livro infantil, em homenagem a Monteiro Lobato, pois essa é a data do seu nascimento, e por ser considerado o pai da literatura infantil, nada mais justo que recebesse uma homenagem na data em que veio ao mundo, para nos presentear com suas obras.

Lobato é o escritor dos famosos livros do *Sítio do picapau amarelo*, livros que encontramos personagens um pouco diferentes do que estamos habituados nas histórias infantis.

Dona Benta, uma senhora que administra seu sítio, o sítio do picapau amarelo, Tia Nastácia, a empregada da família, Lúcia, conhecida como Narizinho, neta de Dona Benta, criada pela avó com os costumes e boas maneiras da época, Emília, a boneca falante de Narizinho, Pedrinho, neto de Dona Benta, que mora na cidade e passa as férias escolares no sítio da vovó, Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho muito sábio, e Rabicó, o porco da fazenda que Narizinho não deixa que tia Nastácia o mate. Existem também outros personagens, com papel secundário nas histórias, que aparecem entre uma cena e outra, como a Cuca e o tio Barnabé.

As aventuras que acontecem com esses personagens, envolvem reinos diferentes do que estamos acostumados a ver, como o reino das águas claras, que é habitado por peixes, caranguejos, sapos e outros bichos; alguns personagens dos contos clássicos também se fazem presentes em muitos momentos, além dos personagens poderem conhecer autores de grande prestígio da literatura infantil.

Lobato tem uma grande participação no mundo das letras, não somente como escritor, mas também ao “auxiliar” para que a produção de livros aumentasse no Brasil, já que na época eram poucas as editoras, além de lançar alguns novos escritores.

Lobato inicia a ideia de escrever algo para os pequenos, quando envia uma carta a seu amigo Godofredo Rangel. Nas linhas da carta, Lobato diz que pensa em escrever algo para as crianças.

Ele observa como as crianças prestam atenção quando sua esposa, carinhosamente apelidada de “Purezinha”, lê para eles. Monteiro Lobato diz que quer fábulas com os bichos daqui, ele percebia que podia fazer grandes histórias assim como as de La Fontaine ou Esopo, com os nossos bichos, nosso território e nossas crianças.

No trecho a seguir podemos observar um pouco da preocupação de Lobato na carta destinada ao amigo:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos... (LOBATO, 1964, v. 2, p. 292).

Essa carta é do ano de 1916, mas Lobato só coloca em prática a sua ideia em 1920, com a história do peixinho que morreu afogado, que hoje em dia não existe mais nenhum manuscrito ou cópias.

Em 1921, Lobato lança *A menina do Narizinho Arrebitado*. Após esse livro, ele publica ao todo vinte e duas obras, com o sítio do pica pau amarelo, no sítio de Dona Benta e seus personagens sejam eles crianças ou seres que ganham vidas.

Suas publicações vão de 1921 até 1948, sendo um grande número de publicações para esses anos. Hoje é possível encontrar várias edições dos livros da série do picapau amarelo, todos mantêm originalidade das primeiras obras, o que difere um do outro são suas ilustrações, capas e tamanhos.

Por fim, Lobato merece ser considerado o pai da literatura infantil brasileira. Suas obras continuam sendo lidas até os dias atuais, ganhando espaço nas telas, com programas, do sítio do picapau amarelo e seriados de desenhos animados, assistidos ainda por muitas crianças.

Seus livros não trazem apenas uma história fictícia, trazem traços do nosso Brasil, representam nossas crianças, invadem a imaginação das crianças, fazendo com que o leitor que esteja lendo o livro chegue a um ponto de acreditar que todas aquelas aventuras realmente aconteceram, e que são parte do dia a dia dos netos de Dona Benta.

Os livros podem ser lidos por crianças e adultos, além de poderem auxiliar nos estudos, como, por exemplo, *Emília no País da Gramática*, que transforma a gramática em algo divertido para ser lido e estudado pelos nossos pequenos.

CAPÍTULO 2

A TRADIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS

2.1- O que é um conto de fadas? Como surgiu?

O trabalho que está sendo desenvolvido concentra-se em torno do livro *Reinações de Narizinho*, do escritor pré-modernista Monteiro Lobato. Para podermos analisar essa obra, é necessário entender primeiramente alguns pontos importantes.

Neste segundo capítulo, será preciso aprofundar os estudos sobre os contos de fadas, entender seu surgimento, o que de fato é um conto de fada? O que é fundamental para um texto ser considerado um conto?

Em *Reinações de Narizinho*, é comum os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo “esbarrarem” com personagens dos contos clássicos, conviverem, brincarem, tomarem chás com as princesas, por exemplo, além de personagens como Barba Azul, Aladim, entre tantos outros que fazem parte desse universo encantado. É essencial compreendermos o que são os contos de fadas, para “mergulharmos” de vez na obra do Monteiro Lobato.

Como fundamento deste estudo, tomaremos por base as apreciações de Nelly Novaes Coelho, em seu livro *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. O livro trata de toda a questão do conto de fadas, desde suas origens, autores, datas importantes, além de nos fazer refletir como que essas histórias tão antigas “capturam” a atenção de novas crianças e leitores ao longo do tempo. Nos dias atuais, uma sociedade tão conectada, seja possível que esses livros “antigos” ganhem das telas consideradas tão atrativas.

No segundo capítulo do livro de Nelly Novaes Coelho, que leva como título: *O conto de fadas e a memória popular*, aborda-se inicialmente a obra do escritor francês Charles Perrault, que desenvolve um importante trabalho para a tradição literária infantil:

A história da Literatura registra que a primeira coletânea de contos infantis foi publicada no século XVII, na França, durante o faustoso reinado de Luís XIV, o rei Sol. Trata-se dos Contos da Mãe Gansa (1697), livro no qual Charles Perrault (poeta e advogado de prestígio na corte) reuniu oito histórias, recolhidas da memória do povo. São elas: A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borracheira; Henrique do Topete e o Pequeno Polegar. Contos em versos, cuja autoria ele atribuiu a seu filho Pierre Perrault, que o ofereceu à infanta, neta do rei Sol. Em uma segunda publicação, Perrault acrescenta: Pele de Asno, Grisélidis e Desejos Ridículos. (COELHO, 2012, p.8).

A autora resgata outros autores importantes para o mundo maravilhoso que produzem contos de fada. Dessa forma, vamos analisar a época que cada escritor publicou seus contos, fábulas, histórias, e depois analisar essas histórias tão antigas, mas ao mesmo tempo tão presentes em nossa vida.

Seguindo na corte francesa, vamos observar o que a autora nos apresenta em seu livro sobre o escritor La Fontaine:

[...] Jean de La Fontaine dedica-se ao resgate das antigas historietas moralistas, guardadas pela memória popular: as Fábulas. Mas sua recolha não se vale apenas dessa memória. Ele procura fontes documentais da Antiguidade; Grécia (Fábulas de Esopo); Roma (Fábulas de Fedro); parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais ou renascentistas. Durante vinte e cinco anos, trabalhou na busca e no cotejo desses textos antigos e os reelaborou em versos, dando-lhes a forma literária definitiva – Fábulas de La Fontaine – que, há séculos, vêm servindo de fonte para as mil e uma adaptações que se espalham pelo mundo todo. [...] Foi, pois, pelo empenho de La Fontaine que se divulgaram, no mundo culto, as fábulas populares: O Lobo e o Cordeiro; O Leão e o Rato; A Cigarra e a Formiga; A Raposa e as Uvas; Perrette, a leiteira e o pote de leite, dentre outras. Todas alimentadas de uma sabedoria prática que não envelheceu, pois se fundamenta na natureza humana, e esta, como sabemos, continua a mesma, através dos milênios. (COELHO, 2012, p.9).

O próximo nome de grande destaque e importância na escrita dos contos de fadas são os Irmãos Grimm. Esses irmãos foram importantes em “espalhar” essa literatura infantil pelo restante do mundo. Ela se iniciou com Perrault, como foi demonstrado anteriormente, porém somente através das pesquisas dos irmãos Grimm se inicia a literatura infantil em outras partes do mundo. Os irmãos levavam os nomes de Jacob e Wilhelm.

Os irmãos estudavam a língua Alemã, com o intuito de apresentar a língua pura, apesar de serem falados diversos dialetos da língua alemã. Durante esses estudos, eles se depararam com algumas histórias e contos clássicos.

Em um pequeno trecho do livro da autora Nelly Novaes Coelho, ele diz o seguinte:

Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil. Entre os contos mais conhecidos estão: A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen; A Guardadora de Gansos; Joãozinho e Maria; O Pequeno Polegar; As três Fiandeiras; O Príncipe Sapo e dezenas de outros, que correm o mundo. Publicados avulsamente entre 1812 e 1822, posteriormente foram reunidos no volume Contos de Fadas para Crianças e Adultos (hoje conhecidos como Contos de Grimm). (COELHO, 2012, p.10).

Para encerrar esse resgate, convém mencionar também o escritor Andersen, que cria histórias consideradas tristes, com uma abordagem um pouco diferente do que estávamos acostumados, sempre com finais felizes.

Suas histórias são mais melancólicas, como é o caso de Patinho Feio; Os Sapatinhos Vermelhos; O Soldadinho de Chumbo; A Pequena Vendedora de Fósforos; O Rouxinol e o Imperador da China; Os Cisnes Selvagens; entre outros títulos.

As suas histórias não são mais tão comuns hoje em dia; talvez uma das causas possa ser o fato de serem tristes, com finais trágicos, o que causaria uma melancolia nos leitores, fazendo com que adultos optassem por não contar as histórias às crianças ou não indicassem que eles leiam.

Observado esses nomes de grande destaque na literatura infantil clássica, é possível concluir que muitas histórias seguem firmes até os dias atuais. Uma das chances de isso ser possível seja talvez, porque é difícil encontrar um leitor que não goste de seres mitológicos, histórias que envolvem castelos, princesas, príncipes, dragões, bailes, fadas que ajudam as mocinhas a se libertarem das pessoas más, bruxas que tem seu final triste, à espera de um amor por anos, uma praga lançada, entre outros elementos.

Tudo isso é do gosto de nós leitores, e isso tudo mexe com nossa imaginação. É bom saber que a história tem um final feliz, ou que no seu final ela vai ensinar uma lição, uma moral, sobre algo importante da nossa vida.

As nossas crianças gostam dessas histórias, pois elas ainda acreditam nesses personagens fantasiosos. Contar esses contos maravilhosos para elas desperta a sua atenção e imaginação, a curiosidade de querer saber o que está na próxima página. Será que a bruxa vai vencer? Ou o príncipe vai salvar a jovem donzela a tempo das garras da bruxa má?

Nós adultos sabemos que a princesa pode se salvar da bruxa sozinha, que ela não necessita de um príncipe para isso, mas estamos tão cansados de certas situações do dia a dia e da própria rotina, frustrados com situações que não ocorrem como o nosso esperado, que chega a ser calmante saber que dentro do livro os vilões têm o fim que merecem.

As fábulas são outras histórias que nunca “saem de moda”, afinal com elas podemos ensinar muitas coisas boas, valores e princípios, para os pequenos. E

como já pesquisamos sobre a infância, essa é fase da criança que nós colocamos um filtro, do que pode ou não ser conversado perto dela e, principalmente, do que ensinar a ela.

Elas são boas aliadas na construção de princípios morais e valores às crianças. São animais que ensinam que mentir, trapacear, brigar, procrastinar, entre outras atitudes “feias”, não vai torná-las boas pessoas. Então eles aprendem a ajudar, não mentir, ser honesto, verdadeiro e outros valores que com o tempo já estarão internalizadas de tanto ouvirem as histórias contadas ou lidas para eles. Dessa forma, os contos clássicos não vão sair das nossas graças tão cedo; eles são muito valiosos e precisam ser preservados.

Após essa pesquisa, podemos concluir então que o conto de fadas, contos clássicos e as fábulas são histórias que envolvem seres mitológicos, fadas, dragões, bruxas, príncipes, princesas, poções, feitiços, sapos, animais falantes, entre outros seres que não são comuns no mundo real. Precisamos ter em mente que os contos de fada, os contos maravilhosos e as fábulas têm como função maior despertar a imaginação dos nossos pequenos, além de serem grandes aliados na hora de educar esses pequeninos seres humanos.

2.2. Os contos de fadas nunca mudam?

Como foi possível ver, o conto de fadas existe há séculos na vida das crianças, jovens, e até mesmo adultos, que repassam as histórias de geração em geração.

Mas será que as histórias mantêm a sua originalidade, ou algumas partes sofreram a alteração do passar dos anos? Afinal, existe “aquele velho ditado ‘quem conta um conto, sempre aumenta um ponto’”.

Durante o estudo do primeiro capítulo sobre infância, foi possível observar que a ideia de infância sofreu alterações no passar dos anos, principalmente em função da mudança do conceito de infância, de modo que muitos assuntos não fossem mais discutidos na presença de uma criança.

A partir disso, pressupõe-se que se a ideia de infância sofreu tais mudanças, alguns contos podem também ter passado por modificações, já que seu público-alvo ganhou um cuidado maior.

Será que todos os contos ganharam sempre finais felizes como conhecemos hoje? Talvez sejam só as histórias de Andersen que são consideradas tristes, ou as nossas queridas histórias de finais felizes tiveram algumas pequenas adaptações?

Como maneira de sanar nossas dúvidas, vamos analisar a história original Chapeuzinho Vermelho, do escritor Perrault. Essa mesma história volta anos depois com nova releitura, com os escritores irmãos Grimm.

De início, observaremos a parte original que veio a sofrer mudanças com o tempo, para, a partir disso, compreendermos o porquê dessa mudança.

Na versão encontrada de Charles Perrault, conhecida como Capuchinho Vermelho, a jovem moça vai visitar sua avozinha que se encontra doente. Durante o caminho, ela se encontra com o lobo, que sugere que ela pegue um atalho. Infelizmente, o atalho sugerido pelo lobo é uma armadilha atrasando a chegada da menina, dando tempo suficiente para que o lobo cometa seu crime.

Até esse ponto, devemos concordar que é semelhante à história que conhecemos desde crianças. Na história de Perrault, o lobo se passa pela jovem moça ao chegar à casa da idosa, entra na residência, mata a doente e frágil senhora, esquartejando-a e colocando seus pedaços para assar. Quando a moça chega à casa da sua avó, o lobo já se encontra vestido como a senhora. Convida chapeuzinho para entrar. A moça, sem desconfiar de nada, entra na casa e aceita o jantar que o lobo lhe oferece.

Após a jovem comer e beber de forma a ficar satisfeita, o lobo a convida para se deitar com ele na cama. Porém, o lobo faz um pedido inusitado para a jovem: pede que ela retire as suas roupas. A inocente jovem, até o momento sem desconfiar, obedece a sua “avó”. Quando ela se deita na cama ao lado do lobo, percebe que há algo de errado. Nesse momento, inicia-se o diálogo recheado de perguntas, que conhecemos até hoje. Assim que o disfarce do lobo caiu por terra, ele confessa que o jantar e o vinho nada mais eram que a vovozinha.

Essa história acaba com chapeuzinho sendo devorada pelo lobo, sem que um caçador apareça para lhe salvar, diferentemente do que estamos habituados ouvir. Durante as pesquisas, é possível se deparar com outros finais, porém até a reescrita dos irmãos Grimm, não existe a presença de caçador na história. A versão de Perrault é considerada macabra, canibal, além de insinuar uma violência sexual com chapeuzinho.

Como chapeuzinho não desconfia da avó até o momento de se deitar com ela, é possível que o lobo seja uma representação metafórica, e não simplesmente um animal. Pode representar, portanto, um homem que vive nas redondezas da floresta e que representa uma ameaça para meninas, podendo se aproveitar da fraqueza da vovó e da inocência de chapeuzinho vermelho.

Assim, essa versão tem como moral, nunca desobedecer às ordens impostas pelos mais velhos, além de não dar ouvido a estranhos, pois você nunca sabe quais são as verdadeiras intenções deles.

Por se tratar de uma versão muito pesada para crianças, apesar de sua moral ter boas intenções, os Grimm realizam as mudanças necessárias para que ela se tornasse um sucesso, e fosse contada e recontada por várias gerações e séculos, mantendo de certa maneira, a moral da primeira versão.

CAPÍTULO 3

REINAÇÕES DE NARIZINHO E A TRADIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS

3.1 Uma incrível viagem ao mundo maravilhoso

Quem não iria amar viver em um mundo maravilhoso, um lugar em que o impossível se torna possível. Acredito que seja o desejo de muitos de nós, porém sabemos que existem coisas que seriam impossíveis de acontecer, como, por exemplo: visitar um reino de peixes. Viajar para onde desejar, apenas com o auxílio de um pozinho mágico, somente tendo o trabalho de imaginar o destino desejado, como é o caso dos personagens do sítio de Dona Benta.

Tudo isso é impossível no mundo real, mas no fantástico mundo de Monteiro Lobato isso se torna possível. Esse é o poder da literatura, transformar o impossível em possível, o sonho em realidade.

Como foi mencionado nos capítulos anteriores, nossa obra principal de estudo e análise é o livro publicado em 1931 pelo escritor Monteiro Lobato, intitulado de *Reinações De Narizinho*. A obra tem em seu corpo os personagens: Narizinho e Pedrinho (netos de Dona Benta), Emília (boneca que se torna falante neste livro, graças a uma pílula do Dr. Caramujo), Visconde de Sabugosa (O sabugo vira um sábio neste livro, depois de passar um bom tempo atrás da estante de dona Benta, lugar em que adquiriu bolor e conhecimento com os livros de álgebra), Rabicó (o leitão que vive escapando da faca de Tia Nastácia, e marido de Emília, casamento que ocorre neste livro), Dona Benta (avó dos primos Narizinho e Pedrinho) e Tia Nastácia (cozinheira da família).

Reinações de Narizinho viaja por vários reinos, proporcionando aos personagens do sítio a oportunidade de conhecer muitas pessoas importantes, figuras as quais estiveram presentes em nossa infância.

Esse livro tem diversos acontecimentos que precisam ser entendidos e acompanhados, pois seguirá para as próximas obras de Lobato, como a maneira que a Emília se torna a famosa boneca falante, Visconde ganha sua fama de sábio, Emília e Rabicó se casam e se tornam Marquês e Marquesa de Rabicó. São momentos que se estendem às demais obras, afinal são características bem peculiares para determinados personagens.

O livro é composto por pequenas histórias, pequenos episódios, mas cada um têm sua continuidade no próximo episódio que está por vir. Não são histórias isoladas uma das outras, muito pelo contrário, retratam alguma aventura vivida pelos personagens em poucas páginas, como maneira de não “enjoar” o leitor. Aventuras que tem continuação na próxima história, de maneira que essa transição é tão sutil que, em muitos momentos durante a leitura, temos a impressão de que se encerra a aventura naquele mesmo dia.

No dia seguinte, abre-se a possibilidade de uma nova aventura, como a vida de uma criança, cada nova descoberta, uma nova aventura, mas sempre uma ligação com a descoberta e aventura do dia anterior.

Lobato tinha uma facilidade de prender seu leitor nas páginas do livro, por ser uma escrita fácil de compreender, fator muito importante tendo em vista seu público-alvo. Porém, mesmo sendo uma obra infantil, ela “rouba” a atenção de nós adultos, sendo possível passar horas do dia debruçado sobre a obra, sem perceber o tempo que já passou.

A vida no sítio aparenta ser leve, tranquila e feliz. À noite se reuniam todos para ouvir histórias, contar novas histórias, até competições rolavam entre eles. Dona Benta era responsável pelo estudo de Narizinho, mas mesmo nesses momentos de concentração e seriedade que o instante pedia, surgiam espaços para brincadeiras, risadas e alegria, fazendo parecer que não havia tristeza alguma nesse sítio tão encantador.

Monteiro Lobato uniu a vida cheia de coragem, curiosidade e fantasia da criança, nos personagens de suas histórias, ensinou sobre moral, passou informações, envolveu o leitor em histórias impossíveis de acontecer e muitas vezes fora da realidade.

A insistência e o senso de oportunidade com que Monteiro Lobato intercala instrução e educação em suas narrativas, mesmo as menos propícias a inserções didáticas, revelam, desnudam, esclarecem sua preocupação de fazer de sua literatura para crianças e jovens um veículo de formação intelectual e moral. (BARBOSA, 1996, p. 85)

Mas Lobato escreveu com tamanha maestria, que nós leitores nem sequer nos damos conta de que é impossível conhecer Esopo e La Fontaine, como as crianças do Sítio fizeram, entretanto a nossa criança interior acredita e mergulha no livro como se estivesse junto deles.

Sem sombra de dúvidas, Lobato foi um mestre quando produziu cada livro da série *O Sítio do picapau amarelo*, levando o leitor para uma incrível viagem literária.

Por ele a criança criará gosto pela leitura, sentirá que o livro não é apenas um instrumento de disciplina, mas um campo maravilhoso para expansão de um mundo interior, reprimindo ou apenas pressentindo. É um livro que estimula a vida, que fecunda a imaginação, que desperta a curiosidade. (ATAÍDE, 1921, p.158)

Lobato criou em seus livros um mundo fantástico para nossos pequenos leitores, através desses incríveis livros, as crianças tomaram gosto pela leitura, podendo viajar para diversos lugares, em poucas páginas. Além de ser possível criar cenários fabulosos em suas imaginações, de acordo com o avanço de sua leitura, nas páginas dos livros.

3.2 Literatura Comparada

No livro *Reinações de Narizinho*, somos presenteados com a visita de personagens do mundo maravilhoso. Princesas, heróis, vilões, bandidos, entre outras personalidades marcantes, que somos conhecedores graças a nossa infância.

Personagens que amamos, odiamos, ou sentimos medos. Independentemente do sentimento que expressamos para cada um deles, eles estão ali conosco e com os personagens do sítio mais famoso do Brasil, vivendo as aventuras junto de todos nós.

Antes de iniciarmos nossos comentários, a respeito da presença desses majestosos personagens, é necessário compreendermos um assunto antes, que está ligado diretamente com a nossa análise, que sustentará toda a pesquisa.

A teoria da literatura comparada. O que é essa teoria e qual a sua relação com o nosso trabalho?

A literatura comparada trata de textos, que são comparados com outros textos. Essas comparações podem ocorrer por serem escritas similares da época, ou por serem baseados em alguma escrita já existente do campo literário.

Para um melhor entendimento, podemos observar uma citação de uma escritora renomada sobre a Literatura Comparada, Sandra Nitrini. Ela diz o seguinte: o texto literário seria “uma escritura-réplica de um outro (outros textos). Pelo seu modo de escrever, lendo o corpus literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história e a sociedade se escreve no texto” (NITRINI, 1997, p.162).

Desta maneira, a sociedade encontra-se representada nas escritas, mas percebe que existe a presença de outros textos, sobre a nova escrita de um.

A comparação não acontece apenas com outras escritas, pode também ocorrer á comparação com outras vertentes artísticas, mas que sigam rumos parecidos com o que está escrito nas linhas do texto.

Por exemplo, *A Carta de Pero Vaz de Caminha* retrata a chegada dos portugueses no território brasileiro, seus primeiros contatos com os índios que habitavam essas terras e suas impressões quanto esse novo lugar “descoberto”. Em algum momento da carta, Caminha narra as missas que aqui aconteceram e o início da catequização dos indígenas. A primeira missa também é retrata na obra do jovem pintor Victor Meirelles, que transfere em uma tela a primeira missa, acontecimento que está registrado na carta de Caminha. Podemos considerar uma intertextualidade dentre as duas obras, seja uma escrita e a outra pintada.

A questão da literatura comparada pode soar confusa em seu início, podendo muitas vezes pairar em nossa mente a ideia de plágio. Ao estudar tal teoria literária, assumo esse tipo de pensamento, porém me pergunto: como possa existir uma ideia tão original, sem que haja uma pequena inspiração?

Os exemplos de Meirelles e de Caminha abrem espaço para debatermos sobre um recurso linguístico chamado de: Intertextualidade. A intertextualidade é o diálogo entre duas ou mais obras, que conversam entre si, sobre um mesmo texto. No exemplo acima, trata-se da primeira missa, assunto retratado em ambas as artes.

Esse recurso linguístico está presente em nossa vida, escrita, estudo, em todos os lugares, pois nada surge “do além”. Uma ideia sempre surgirá de uma leitura, uma observação, sempre haverá algo como base.

Nesse ponto, a ideia de plágio pode firmar em nossas mentes, mas é preciso entender que plágio se trata de usar uma ideia de alguém sem mencionar seu criador. No caso da escrita de livros, ou pinturas, são apenas ideias de um determinado assunto.

Seguindo o raciocínio de plagio, é possível observar o seguinte trecho na obra: *Literatura comparada*, Sandra Nitri, com base nas formulações de Odette Mourgues, esclarece que “naquela época, a imitação consistia num princípio artístico, mas o escritor não devia imitar servilmente, não devia sacrificar a sua

própria individualidade; ao contrário, devia impregnar a obra com sua marca própria” (NITRINI, 2000, p.140, grifo nosso).

A partir desta leitura do trecho de Nitrini, é possível compreender que o escritor não podia apenas plagiar, imitar como a autora mesmo sugere em seu trecho, ele necessita colocar algo de si na sua escrita, criar sua própria marca.

Essa “marca própria” estaria “ligada indissolavelmente a uma consciência aguda de certos aspectos individuais de sua nacionalidade e de seu século” (Idem, p.140). Ao pensar deste modo, é possível refletir que cada autor tenha uma marca própria, que destaca seu trabalho, uma maneira única de escrever, e sem dúvidas Lobato é um desses escritores, que deixou uma marca única sua nas obras que escreveu.

Seguindo na vertente de literatura comparada, outro exemplo mais claro são as paródias. Paródias não são consideradas plágios, e sim uma obra que imita outra representação artística, como música, teatro, poemas. Essas paródias recriam um texto, mantendo a ideia inicial do primeiro texto (chamado de hipertexto. Texto de referência), com o intuito de promover graça, humor ou efeitos críticos.

A paródia não diminui o hipertexto, muito pelo contrário, desperta no leitor ou ouvinte, o desejo de conhecer o texto original, para que assim possa compreender em sua totalidade o que a paródia deseja repassar.

As paródias funcionam apenas quando o interlocutor conhece a história original, dessa maneira, através da paródia, o texto original pode ter sua “divulgação” ampliada, apenas pela curiosidade causada no leitor, ao ouvir a paródia.

Na obra *Paródia, paráfrase & cia* do autor Afonso Romano de Sant’Anna, pode ser observado o seguinte trecho sobre a paródia:

o que o texto parodístico faz é a reapresentação daquilo que havia sido recalçado. Uma nova e diferente forma de ler o convencional. É um processo de libertação do discurso. É uma tomada de consciência crítica. (SANT’ANNA, 1985, p. 31)

Nesse momento, tendo como base como funciona a literatura comparada, entendemos que todo escritor, pintor, compositor, é um leitor, e suas inspirações surgem de outro texto ou representação artística.

Todo texto surge de outro texto, é impossível criar um texto “puro”, sem a interferência de outro texto. A ideia da escrita precisará partir de algum lugar, e essa

ideia pode surgir de infinitas maneiras. O enredo da história seja ela linear ou não, poderá muitas vezes ser parecida com outra história já lida pelo seu leitor.

Dessa maneira, não existe uma escrita única. Toda e qualquer escrita sempre terão presente em sua ideia, ou entre linhas, de outro texto.

3.3 O conto de fadas no sítio de Dona Benta

Já imaginou receber a visita dos personagens mais amados e dos não muito amados, em sua casa? Pois bem, no sítio de Dona Benta, ela, seus netos, e todos que residem no sítio recebem esses personagens, assim como nós recebemos nossos familiares, amigos ou conhecidos.

Depois de todo esse estudo sobre infância, literatura infantil, teorias, autores e obras, finalmente poderão explicar esses personagens no livro do escritor Monteiro Lobato.

No livro *Reinações de Narizinho*, logo em seu início somos surpreendidos com um pequeno peixe, trajado como gente, que sobe no nariz de Narizinho. Depois desse encontro, Narizinho visita o Reino das Águas Claras, com o peixinho, conhecendo vários seres marinhos que ali residiam.

Narizinho encanta o Príncipe Escamado, que o faz conhecer figuras muito importantes de seu Reino. Narizinho fica por um longo tempo no Reino, dando tempo de visitar o reino, e participar de audiências com o príncipe.

Em uma das audiências, a figura que deseja falar com a majestade era Dona Carochinha. Personagem resgatada por Monteiro Lobato, a Dona Carochinha de Lobato vivia reclamando que os seus personagens estão sempre fugindo de seus livros.

Podemos encontrar diversas versões e participações dessa pequena barata nas histórias, mas, nesse momento, a que importa abordar é essa pequena, velhinha e rabugenta baratinha.

Na audiência com o príncipe, Dona Carochinha se queixou de ter perdido Pequeno Polegar de seu livro. Ela também reclama que muitos personagens vivem fugindo de seu livro.

Narizinho diz parecer conhecer a senhora ali presente, e o príncipe confirma: – “Com certeza, pois não há menina que não conheça a célebre Dona Carochinha das histórias, a baratinha mais famosa do mundo” (LOBATO, 1931, p. 14).

O príncipe permite que a velha procure o personagem no reino. Durante a busca, ela se lamenta das atitudes dos personagens, colocando uma parcela da culpa em uma menina de nariz arrebitado. Por fim, a senhora não conhece a menina, mas sabe que a mocinha mora com duas velhas corocas. Esse termo deixa Narizinho irritada.

Lobato resgata vários personagens durante essa obra, a velha Barata é a primeira de muitos resgates.

Encerrado o momento das audiências, o príncipe conduz narizinho em um passeio, e depois a apresenta para Dona Aranha. Dona Aranha nada mais é do que a responsável por tecer o vestido de várias princesas. Em conversa com Narizinho, Dona Aranha conta o seguinte “[...] Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui eu quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados” (LOBATO, 1931, p. 19).

Ao ser indagado pela menina se ela havia costurado o vestido da Branca de Neve, a Dona Aranha conta que foi exatamente neste vestido, que sofreu seu acidente, o qual deixou sequelas por toda a vida.

– Como não? Pois foi justamente quando eu estava tecendo o véu de noiva de Branca que fiquei aleijada. A tesoura caiu-me sobre o pé esquerdo, rachando o osso aqui neste lugar. Fui tratada pelo Doutor Caramujo, que é um médico muito bom. Sarei, embora ficasse manca pelo resto da vida. (LOBATO, 1931, p. 14)

Nesse momento, percebemos que os vestidos das lindas princesas não ficavam prontos em um passe de mágica, ou através da varinha de condão das fadas madrinhas. Atrás de lindos vestidos, existem mãozinhas calejadas de muito trabalho, anos de experiências e “descuidos” que duram a vida toda. Assim como na vida real, através de lindos resultados, existe sofrimento, muitas horas de dedicação, para alcançar o resultado esperado.

No decorrer da leitura, deparamo-nos com o feitiço que haviam lançado para a Dona Aranha sendo quebrado. Esse feitiço seria desfeito quando ela fizesse o vestido mais lindo do mundo. Que coincidência, o vestido mais lindo foi para a nossa menina de nariz arrebitado.

– Ora graças! – exclamou num suspiro de alívio. – Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu e me deu esse

espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres. (Reinações de Narizinho, 1931, p.21)

Estamos tão acostumados com feitiços sempre direcionados, a princesa ou príncipe, aos personagens principais. Lobato nos mostra que não são somente essas pessoas que são alvo dos feitiços das bruxas. Apesar de ser uma pequena aranha, e com problemas locomotores, teceu lindos vestidos.

Lobato nos mostra que não importa o tamanho ou circunstância; somos capazes de serem criadores de coisas grandes e lindas.

Neste trecho, o vestido mais lindo é costurado para Narizinho, Lobato usa da “costureira” das princesas, para criar um vestido lindo, a sua personagem principal do livro, igualando de certa forma as princesas e Narizinho. Não é necessário, ser uma princesa para usar um lindo vestido, qualquer menina, moça ou mulher, pode usar, assim como narizinho. Nesse livro não existe uma diferença hierárquica de princesas, e meninas.

Como forma de finalizar essa primeira visita ao Reino das Águas Claras, a menina do nariz arrebitado passa a noite no palácio, pois no dia seguinte ela deveria levar a sua boneca Emília para tomar uma pílula do Dr. Caramujo, que deixaria a boneca falante.

Quando chegaram ao consultório, o Dr. comenta que suas pílulas sumiram, e não poderia produzir mais. Depois de um pequeno acontecimento, eles conseguem resgatar as pílulas, e dar a pílula correta para a boneca de pano.

Emília engoliu a pílula e, no mesmo instante, se atracou a falar sem parar, mas era normal, afinal a pobrezinha ficou tanto tempo muda, ou como disse o Dr. Caramujo: “fala recolhida”.

As princesas tinham suas fadas madrinhas, e Narizinho tinha Emília, sua boneca de pano falante, travessa, brincalhona e sem “freio” na língua. E, dessa forma, iniciam-se as frases divertidas e estranhas da boneca Emília. Assim que engoliu a pílula, sua primeira fala foi “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!” (LOBATO, 1931, p. 28)

Ao pensarmos em fadas madrinhas, e Narizinho ter como companhia Emília, percebe-se que o autor resgate um detalhe muito importante de várias meninas, a companhia de uma boneca a todo instante. Lobato da vida a Emília, da mesma

maneira que nós e todas as meninas e crianças, sonhamos na infância, que nosso brinquedo favorito ganhe vida, podendo viver várias aventuras conosco.

Monteiro aproxima seus leitores do livro, dessa maneira usando de recursos que eles possam se identificar, facilitando a fluência da leitura e seu envolvimento com o livro. Mexe com o imaginário e a realidade dos pequenos, além de proporcionar a imaginar mais sobre a vida dos personagens dos contos clássicos, por outras perspectivas, como a Dona Aranha ser costureira oficial dos vestidos de princesas, e não toda a mágica que estamos acostumados. É como se ele mostra-se que existe uma vida por trás de tudo o que estamos acostumados a ouvir nas histórias, acontecimentos que estão escondidos nas entrelinhas do texto.

Depois de toda essa aventura no Reino, Narizinho ouve uma voz tão forte, que mais parece um trovão, que a avisava que vovó estava chamando. E como em um passe de mágica, o reino desaparece, um vento envolvendo ela e a boneca, levando-as de volta onde o pequeno peixinho as encontrou. Nesse momento, Lobato até deixa o leitor confuso, intrigado se é um sonho ou aconteceu mesmo, mas, por incrível que pareça, a boneca continua sem trava na língua, confirmando que foi real.

Essa confusão pode ser pensada em quando chamamos as crianças no meio de suas brincadeiras, ou leituras, causando uma pequena confusão entre o real e imaginário, afinal Narizinho era uma criança como qualquer outra.

Após retornarem ao sítio e receberem a notícia de que Pedrinho viria passar as férias no sítio, a boneca de pano volta a falar e isso assusta as velhas da casa.

Além de faladeira, Emília respondia sem papas na língua. Após Dona Benta mandar Narizinho arrumar a boneca, que estava maltrapilha, a boneca responde:– “Culpa dela, Dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado – disse Emília falando pela primeira vez depois que chegara ao sítio” (LOBATO, 1931, p. 30).

Dona Benta chama Tia Nastácia para ver tal feito. Tia Nastácia dá uma boa gargalhada e diz ser uma brincadeira de Narizinho, mas a pobre empregada escuta da boneca nesse mesmo instante:

– Mangando o seu nariz! Gritou Emília furiosa. – Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?” (LOBATO, 1931, p. 30)

A companhia de Narizinho não era das mais educadas, ou respeitadas, mas a boneca sabia como se divertir. Diferentemente da companhia das fadas madrinhas, que as princesas recebiam.

Essas falas de Emília trocam de palavras, nos lembra de quando as crianças estão aprendendo a falar. É normal que ocorra essa troca de palavras, uma pequena confusão na fala, até que eles vão com o tempo compreendendo o significado de cada palavra, e criam novas palavras muitas vezes, quando não sabem ainda os nomes certos de alguns objetos. Não devemos se esquecer que a boneca é uma criança também.

Mais adiante no livro, depois da visita do Príncipe Escamado no sítio, a aparição do gato Félix, impostor, e outros acontecimentos, chega o dia da visita do País das Maravilhas ao sítio.

Como encontrar tantas princesas e personagens tão importantes assim, de uma hora para outra? Para Lobato isso não era problema, é como se o País das Maravilhas se localizasse em uma cidade vizinha.

Os convites foram distribuídos por um beija-flor, que todos os dias beijava as rosas plantadas por Emília. O pequeno pássaro sabe ler e sabe como encontrar cada convidado.

Os convidados escolhidos para passar uma tarde com as crianças são:

- Para todos, para Cinderela, para Branca de Neve, para o Pequeno Polegar, Capinha Vermelha, Ali Babá, Gato de Botas, todos!
- Não esqueceu Peter Pan?
- Está claro que não. Nem Aladim, nem o Gato Félix verdadeiro. Até ao Barba Azul convidei.
- Pedrinho não gostou da ideia.
- Acho que não devíamos convidar esse monstro. Vovó vai morrer de medo.
- Não faz mal- conciliou a menina. – Mandei-lhe um convite bem seco, mas se mesmo assim ele vier, nós fecharemos a porta bem no nariz dele bá!.... Convidei-o de tanta vontade que tenho de ver se a tal barba é mesmo azul como dizem. Mas tratemos de salvar o Visconde. (LOBATO, 1931, p.159)

As crianças falam dos personagens como se fossem velhos conhecidos. De alguma forma são, mas durante a confraternização da tarde, as princesas demonstram já conhecer eles, principalmente Emília.

A boneca de pano tem sua fama espalhada por todo o lado, pois Cinderela já a conhecia, e Branca de Neve leva seu espelho mágico de presente a Emília. Ela sabe que a pequena boneca é cheia de dúvidas. Pouco a pouco, os convidados vão chegando, as crianças recebem muito bem todos eles, e já engatam suas conversas com seus personagens que mais tem adoração.

Imaginem só os personagens que conhecemos em nossa infância passando uma tarde junto de nós, como se fossemos velhos conhecidos, e que sempre que desejarmos podemos ir ver. Lobato traz isso no livro, essa aproximação das crianças com os personagens, deixando de lado aquele distanciamento, uma vez que eles vivem em lugares muito distantes. Lobato iguala seus personagens e os personagens dos contos maravilhosos, porque de alguma forma, em sua escrita eles convivem, juntos.

Dona Benta tem sua casa repleta de personagens, Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Aladim, Ali Babá e os quarenta ladrões que o perseguem. Nesse momento, ele conta que os ladrões não haviam morrido, mas Aladim e o gênio se livram de todos aqueles bandidos que estavam no terreiro de Dona Benta. Patinho feio também estava entre os convidados, mas logo foi alertado pela boneca que não poderia sair da sala, senão ele seria pego por uma fada preta que não tem piedade de frango e nem de patos, puxa-lhes o pescoço e põem para assar.

Chegaram também outros personagens, mas, por serem tantos, precisam ficar do lado de fora da sala, no terreiro. Era tanta gente que o pátio de Dona Benta estava cheia de personagens importantes, anões, fadas madrinhas, príncipes e muito mais.

Às cinco da tarde, Tia Nastácia chegou com o café e seus quitutes. Ficou espantada com tanta princesa, reis e seres mágicos. Um tempo depois, surge uma visita um tanto quanto inesperada, o lobo da história de Chapeuzinho Vermelho, que não havia morrido com as machadadas do lenhador. A confusão estava feita, mas, por sorte, Tia Nastácia estava presente e salvou a todos, colocando o lobo para correr.

Pensar em escrever uma história em que os personagens do livro interajam com os personagens de nossa infância, criar aventuras inimagináveis no mundo real, é encantador. O leitor sabe que aquilo não passa de uma história de faz de conta, mas quando Lobato mistura a vovó e tia Nastácia nos acontecimentos, deixando elas por dentro de várias aventuras das crianças, e participando de muitas delas, por um bom momento nos esquecemos de que se trata de um livro e mergulhamos todos juntos nessas aventuras.

Se direcionando para as últimas páginas do livro, Lobato resgata grandes nomes da literatura infantil, sendo eles: Irmãos Grimm, Andersen, La Fontaine e Esopo. Pedrinho recebe uma visita inusitada de um amigo invisível, amigo este que tem junto um mapa, que mostra o País das Maravilhas, e o sítio de Dona Benta.

- Que bonito! Exclamou depois de ler os nomes de todas as terras e mares.
- Até o sítio de vovó está marcado, com o chiqueirinho de Rabicó bem visível. Como obteve este mapa?
- Viajando de lápis na mão. O mundo das maravilhas é velhíssimo. Começou a existir quando nasceu a primeira criança e há de existir enquanto houver um velho sobre a terra. (LOBATO, 1931, p.234)

Logo mais, Pedrinho e seu amigo mencionam os irmãos Grimm de uma maneira muito interessante.

- Muitos viajantes têm visitado esse mundo – continuou a voz. – Entre eles, os dois irmãos Grimm e um tal Andersen, os quais estiveram lá muito tempo, viram tudo e contaram tudo direitinho como viram. Foram os Grimm os que primeiro contaram a história de Cinderela exatinha como foi. Antes deles já essa história corria mundo, mas errada, cheia de mentiras.
- Bem me estava parecendo- murmurou Pedrinho. Tenho um livro de capa muito feia que conta o caso de Cinderela diferente do de Grimm.
- Bote fora esse livro. Grimm é que está certo. (LOBATO, 1931, p.235).

As crianças embarcam em mais uma aventura, para conhecer o País das Maravilhas e o País das Fábulas, também conhecido como terra dos animais falantes. Nesse país se encontra o senhor La Fontaine, escondido atrás de uma moita, e estava lá a espiar um carneirinho que estava a beber água no rio, porém foi surpreendido por um lobo. O senhor La Fontaine estava observando tudo e anotando, para criar mais uma fábula.

A boneca falante logo vira amiga do escritor e emenda uma longa conversa com ele, presenteando ele com uma tesoura de uma perna só, para que ele pudesse cortar seu cabelo.

La Fontaine segue para mais uma fábula, a cigarra e a formiga, mas Emília estava tão brava da forma que a formiga tratava a cigarra, que resolveu se vingar. La Fontaine deixou, afinal, estava curioso para ver o que a boneca iria fazer.

As crianças do sítio também foram apresentados a Esopo, que ficou muito admirado com a boneca falante. Muitas aventuras acontecem enquanto eles estão nas terras das fábulas. As crianças voltam para casa com um burro falante, que tempo depois vira um xodó de Tia Nastácia.

Por fim, as crianças decidem levar a avó para visitar esse País, e conhecer os famosos escritores que Dona Benta tanto conta suas histórias. Mas nem tudo ocorre

como o planejado, eles param em outro lugar, mas conhecem seres e pessoas interessantes.

Lobato levou não só as crianças como também a avó para uma aventura, provando que não importa a idade, o mundo da imaginação está aberto para todos. Monteiro Lobato resgata personagens que fizeram parte da nossa infância, de uma maneira tão leve que nos coloca tão próximos a eles, resgatando a história deles. Algumas vezes, mostra que a história não acaba na parte do “foram felizes para sempre”, ou que nem sempre os vilões são “abatidos” definitivamente.

O escritor criou seus personagens do sítio, muito parecido com o que nós éramos na infância, e as crianças que fazem a leitura do livro, são capazes de se identificar. Talvez seja o ponto chave, das obras de Lobato fazer tanto sucesso, ele cria personagens, que nossos pequenos se identificam, cria aventuras que todas as crianças uma vez na vida já imaginou, dá vida a um brinquedo presente na infância de boa parte das crianças, e que sem dúvidas todas desejavam ter uma boneca falante com vida.

Ao resgatar os contos clássicos, Lobato não faz distinção entre nenhum dos personagens, os igualam as crianças do sítio, apresenta o que está escondido na entre linhas desses contos, além de tirar algumas dúvidas que nós já tivemos como criança. Como quem fazia os lindos vestidos das princesas, o que acontecia depois do “viveram felizes para sempre”. Monteiro, traz isso de maneiras sutil, mas apresenta aos pequenos, que acontece uma vida “normal”, e que não tem nada de extraordinário como estamos acostumados a imaginar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, desenvolvemos, inicialmente, um estudo da literatura infantil brasileira, o conceito de infância, e as principais contribuições de Monteiro Lobato, considerado o pai da literatura infantil brasileira. Em nosso segundo capítulo, trabalhamos com os contos de fadas, sua origem e mudanças, para assim partimos para o capítulo final, no qual realizamos uma análise da obra *Reinações de Narizinho*, abordando especialmente o diálogo intertextual com a tradição dos contos de fadas.

Neste capítulo, foi possível observar o trabalho que Lobato realizou com os contos de fadas, dentro de sua obra. Lobato trabalha com vários elementos presentes na infância dos pequenos, e que também estiveram presentes em nossa infância.

A relação entre os personagens do sítio e dos contos clássicos é de uma forma tão sutil, leve, como se eles já se conhecessem há anos, e fossem amigos desde sempre. Porém, apesar de toda essa relação amigável, não são deixadas de lado algumas curiosidades das crianças, que acredito não ser somente das crianças no sítio do picapau amarelo, mas sim de várias outras que se encontram lendo o livro.

Lobato não exalta os personagens dos contos clássicos, é possível observar que ambas as partes têm parcelas iguais de prestígios, mas muitas vezes os queridos personagens do sítio ganham a cena, já que são eles os responsáveis por todos os acontecimentos.

Lobato cria uma amizade entre todos esses personagens, apresenta a seus leitores, alguns pontos que não é possível ver na história dos contos de fadas, mas que estão presentes na curiosidade dos pequenos.

Dessa maneira, o objetivo da pesquisa era analisar a presença dos contos de fadas no livro *Reinações de Narizinho*, e isso aconteceu como esperado. Lobato organiza todos eles de uma maneira tão envolvente, sem tirar o foco dos seus personagens, deixando eles sempre como protagonistas, e sem que os personagens maravilhosos interfiram, de modo que as aventuras continuem acontecendo. Elas acontecem com a presença dos personagens dos contos de fadas, mas a cena sempre é “roubada” por uma atitude de um personagem do sítio.

Por fim, Lobato cria um novo mundo, com personagens muito parecidos com seus leitores, trazendo personagens famosos para suas histórias, mas de uma maneira tão fluida, que não é possível esquecer em nenhum momento dos queridos personagens do sítio. Lobato tinha como intenção criar histórias que retratassem nosso território, crianças e animais, e sem dúvidas ele conseguiu tamanho feito, de uma maneira que envolve o leitor do início ao fim de suas obras, apenas pelo fato de escrever de uma maneira que o leitor se identifique com vários pontos de suas obras, seja o leitor criança, seja aquele que um dia já foi criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Tatuapé-SP. Brasiliense, 2010.
- CECCANTINI, João Luís C.T. **Leitura e Literatura Infanto-juvenil**. Assis-SP: Cultura Acadêmica, 2004.
- COLOMER, Teresa. **A Formação do Leitor Literário**. São Paulo: Global, 2003.
- GREGORIM, Clóvis Osvaldo. **Michaelis: Português gramática prática**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, março de 2011.
- GREGORIM FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. Editora Melhoramentos, 2012.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil: a literatura infantil e as novas mídias**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: uma nova ou Outra História**. Curitiba: Pucpress, 2017.
- LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato – um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.
- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Jandira-SP: Ciranda Cultural, 2019.
- _____. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1964, v. 2.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 4. ed. São Pulo: Global, 2016.
- MEREGE, Ana Lucia. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno**. Nova Alexandria, 2019.
- MOTTA, Xênia Fróes da. Silva, Renato da. Um olhar possível sobre a infância. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. 2011. p.36- 49.
- NOVAES COELHO, Nelly. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. Paulinas, 2012.
- NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000.